



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

## ESCOLAS DE SAMBA NOS ENREDOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

GLEUSON PINHEIRO SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe a identificar na relação entre a localização das Agremiações Carnavalescas e a evolução urbana da cidade de São Paulo, reflexos da expulsão das populações negras para áreas periféricas. Faz parte de uma pesquisa que tem por objetivo também lançar luz para o caráter racial do processo de segregação e periferização da cidade de São Paulo, e ao mesmo tempo, apontar o papel do negro e de suas instituições na constituição dessas periferias.

**Palavras-chave:** territórios negros, Escolas de Samba, urbanismo.

### Introdução

Ao longo de sua história, a localização das agremiações carnavalescas na cidade de São Paulo reflete a trajetória das populações negras e de seus territórios durante a evolução urbana da cidade.

A identificação e mapeamento desse processo tem por objetivo refletir sobre o papel do negro e de suas instituições na constituição dessas periferias como estratégia de resistência frente às reiteradas tentativas de apagamento da agência do negro na constituição das cidades, considerando, inclusive, que o caráter racial do processo de formação das periferias é ainda pouco explorado pela bibliografia sobre o urbanismo de São Paulo.

Quando tratamos da periferização da população negra e a respectiva segregação racial, é importante ressaltar que não nos referimos a uma simples disposição *centro branco x periferia negra*. A análise leva em conta a qualidade dos espaços e as disputas acerca da ocupação dos espaços urbanos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Membro do LabRaça: Laboratório Raça e Espaço Urbano da FAUUSP, coordenado pela Doutora Ana Cláudia Castilho Barone. E-mail: gleuson@usp.br

<sup>2</sup> A esse respeito aponta Edward Telles (2003): “*Embora em geral a concentração de classe média no centro das cidades e a marginalização dos pobres na periferia tenham sido marca da estrutura das cidades da América Latina, tal descrição é insuficiente e cada vez menos apropriada para entender*



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Para sistematizar a análise dessa evolução das localizações, a fundação das agremiações carnavalescas foi organizada em cinco períodos, ou seja, em cinco momentos da evolução da mancha urbana da cidade, analisaremos a distribuição das instituições no espaço da cidade.

O primeiro período, entre 1914 e 1940, se refere ao surgimento dos Cordões, precursores das Escolas de Samba. Essas agremiações nascem ligadas aos territórios negros da cidade, no início do século, como alternativa de sociabilidade para negros que já viviam na cidade desde o fim do século XIX e também para as levas de migrantes negros vindos das fazendas do ambiente rural do interior do Estado. É importante também nesse período a transição da condição de marginalidade no início do século XX à afirmação e reconhecimento das agremiações a partir da década de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Diferente das políticas de branqueamento e europeização da República Velha, no qual os negros precisavam expressar um comportamento que pudesse se submeter valores formatados a partir da visão que a oligarquia cafeeira construía da imigração europeia<sup>3</sup>; a partir de então, no novo projeto de identidade nacional, o negro via a possibilidade de exaltar suas características e especificidades, em um contexto que, em teoria, exaltava a miscigenação como fator de orgulho para a nação brasileira (ALBERTO, 2017, p.162). O segundo período, de 1940 a 1968, corresponde a consolidação das Escolas de Samba, que assimilam o reconhecimento conquistado durante o Estado Novo e passam a pleitear que esse reconhecimento se traduza inclusive na organização do concurso de carnaval, bem como também, na oficialização do financiamento dos

---

*os níveis de segregação residencial nas complexas e frequentemente polarizadas áreas urbanas do continente. A proliferação das favelas, tanto em áreas menos valorizadas da periferia quanto nas concorridas áreas centrais de classe média e alta, torna indispensável o estudo da segregação residencial em nível de bairro”.*

<sup>3</sup> A respeito da ideologia do trabalho constituída para subsidiar a nova ordem de trabalho livre, José de Souza Martins (2010) fala: “As mudanças ocorridas com a abolição da escravidão não representaram, pois, mera transformação na condição jurídica do trabalhador; elas implicaram a transformação do próprio trabalhador. Sem isso não seria possível passar da coerção predominantemente física do trabalhador para a sua coerção predominantemente ideológica e moral”. (MARTINS, 2010, p.33)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

desfiles. Além disso, corresponde ao início da intensificação da chegada de migrantes provenientes principalmente da região Nordeste e que trouxe novos elementos culturais a serem assimilados inclusive pelo samba paulista.

Uma terceira etapa, entre 1968 e 1984, contempla as transformações sofridas pelas agremiações a partir da oficialização dos desfiles em 1968. O carnaval de cordões e Escolas de Samba, até então, uma atividade característica de agrupamentos predominantemente negros e populares, passa também a incorporar elementos brancos com maior poder de obtenção de recursos financeiros e de interlocução com a administração municipal, surgindo a partir de então diversas agremiações não identificadas com territórios ou elementos negros.

O quarto período, de 1984 a 1992, refere-se ao intervalo entre o início das transmissões televisivas dos desfiles e a inauguração do sambódromo, e ainda ao respectivo confinamento da apresentação das Escolas de Samba do primeiro grupo em um espaço definitivamente apartado da cidade.

Por fim, o quinto período a partir de 1992, trata das transformações pós sambódromo e a consequente consolidação do carnaval-espetáculo, no qual fica acirrada a diferença entre o grupo especial – que usufrui dos recursos provenientes dos direitos de transmissão televisiva – e as demais divisões, preservando-se, inclusive, alguns desfiles de escolas de samba das divisões inferiores em ruas de bairros da cidade.

### **Nos Territórios afro-brasileiros: 1914 – 1940.**

As primeiras agremiações carnavalescas paulistanas relacionavam-se à existência de territórios que abrigavam, predominantemente, a população negra desde na segunda metade do século XIX<sup>4</sup> e que após a abolição continuaram a abrigar a força de

---

<sup>4</sup> Segundo ROLNIK (1997) havia na cidade uma rede de territórios de serviços e apoio as atividades dos escravos domésticos e também, áreas de trabalho dos negros forros: *“o espaço das fontes, bicas d’água e rios, onde os escravos domésticos iam buscar água e as escravas e forras iam lavar roupa,*



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

trabalho que servia os bairros da elite. Assim, nas duas primeiras décadas do século XX, eram caracteristicamente territórios afro-brasileiros três áreas: havia o núcleo à oeste do triângulo histórico, correspondendo às áreas junto a linha férrea na Barra Funda – atrelada a oferta de trabalho tanto no carregamento e descarregamento de mercadorias na estação, como também, aos trabalhos domésticos no vizinho bairro do Campos Elísios (BRITTO, 1986, p.39). À sudoeste da Sé, às margens do Córrego Saracura, existia o antigo quilombo do Bixiga - destino de boa parte dos negros expulsos das áreas do centro velho devido aos “trabalhos de melhoramentos urbanos” (ROLNIK, 1989, p.7), núcleo esse que passou a servir de morada da mão de obra doméstica que servia às residências de elite da Avenida Paulista. Por fim, ao sul da Sé, na Baixada do Glicério, havia um núcleo populacional negro proveniente do antigo quilombo da Liberdade, sendo que o bairro, na segunda metade do século XX, tornou-se popular como bairro japonês devido a maciça instalação de imigrantes orientais na região a partir da década de 1950<sup>5</sup>.

O mapa a seguir referente a 1920 indica a localização das primeiras agremiações carnavalescas, instituídas nos limites da área urbanizada da cidade em 1920, no território negro da Barra Funda, então, nos limites da mancha urbana e próximo da linha férrea, a qual, junto com rio Tietê, constituíam-se nas principais delimitações da área urbana a norte.

---

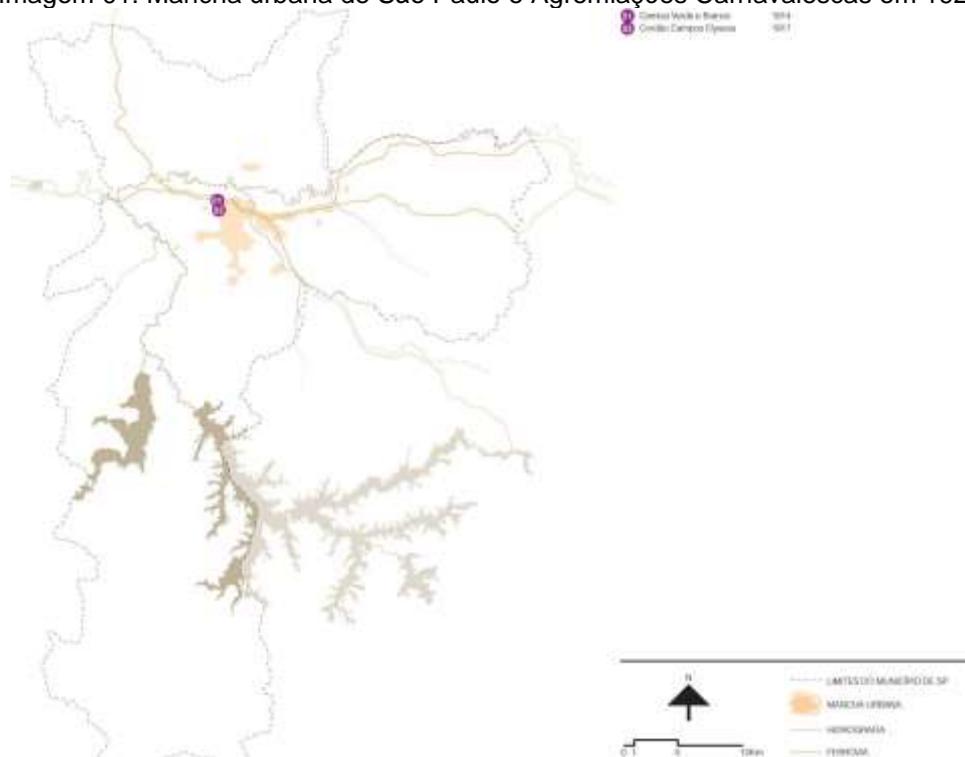
*constituía também nódulos de um território feito de múltiplos pontos de conexão, que acabavam por desenhar um fio invisível ao redor do espaço das casas senhoriais: sul da Sé, Largo da Força, Várzea do Carmo, Mercado do Acu, Largo do Rosário, Tanque do Zunega” (ROLNIK, 1997, p.63)*

<sup>5</sup> O Bairro da Liberdade é originário dos diversos territórios que margeavam o núcleo urbano de São Paulo na segunda metade do século XIX, os quais, por suas características físicas, serviram de abrigo para escravos fugidos (WISSENBACH, 1998, p.153). A origem do nome do bairro se refere a força existente e ao salvamento de um condenado por clamor popular. No decorrer do século XX, o bairro passou a abrigar grandes contingentes de imigrantes orientais: japoneses, chineses e coreanos. Assim, difundiu-se a imagem de bairro oriental em detrimento da memória da história negra originária do bairro.



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

Imagem 01: Mancha urbana de São Paulo e Agremiações Carnavalescas em 1920.



Fonte: Elaboração do autor.

A partir de 1930 os cordões tiveram um rápido crescimento, num ambiente onde a atividade carnavalesca dos negros, especialmente na capital federal, estava em evidência nos meios de comunicação de massa. Assim, o mapa da área urbanizada em 1940, demonstra que a cidade já apresentava uma considerável expansão periférica, a qual, a Oeste e, principalmente à Leste, seguia o eixo ferroviário. Estabeleciam-se núcleos com grande concentração de residências de negros – conforme os levantamentos feitos pelo Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e os diversos mapas étnicos então produzidos, além dos estudos de Samuel H. Lowrie.

Apesar do surgimento desses novos territórios, as agremiações carnavalescas ainda ocupavam os antigos territórios populares negros, em torno da área central e do eixo ferroviário. Desse modo, nesse período, embora os negros já ocupassem significativamente as novas periferias da cidade, o lugar da sociabilidade ainda era nos territórios pioneiros, os quais sediavam os principais Cordões e Escolas de Samba



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

além dos Salões de Raça (até meados da década de 1950), conforme aponta Simson (2007):

“Desde a década de 20, os rapazes e moças negros dos vários bairros da cidade travavam amizades nos bailes dos salões de raça do centro da cidade, e acabavam formando pequenos grupos para se divertir na Cidade da Folia ou no Parque Shanghai<sup>6</sup>, para organizar romarias a Pirapora do Bom Jesus, ou, ainda, por ocasião do Carnaval, (...). Esse lazer mais comum, realizado na zona mais central da cidade de São Paulo, propiciava aos jovens negros, não importando o bairro ou subúrbio em que residissem, o sentimento de pertencer a algo mais amplo do que a própria família ou comunidade de origem. Permitia-lhes construir laços sólidos de amizade e cooperação, além de um certo conhecimento e domínio do espaço central da cidade, tornando-os menos suburbanos do que muitos dos seus vizinhos de origem imigrante” (SIMSON, 2007, p.211).

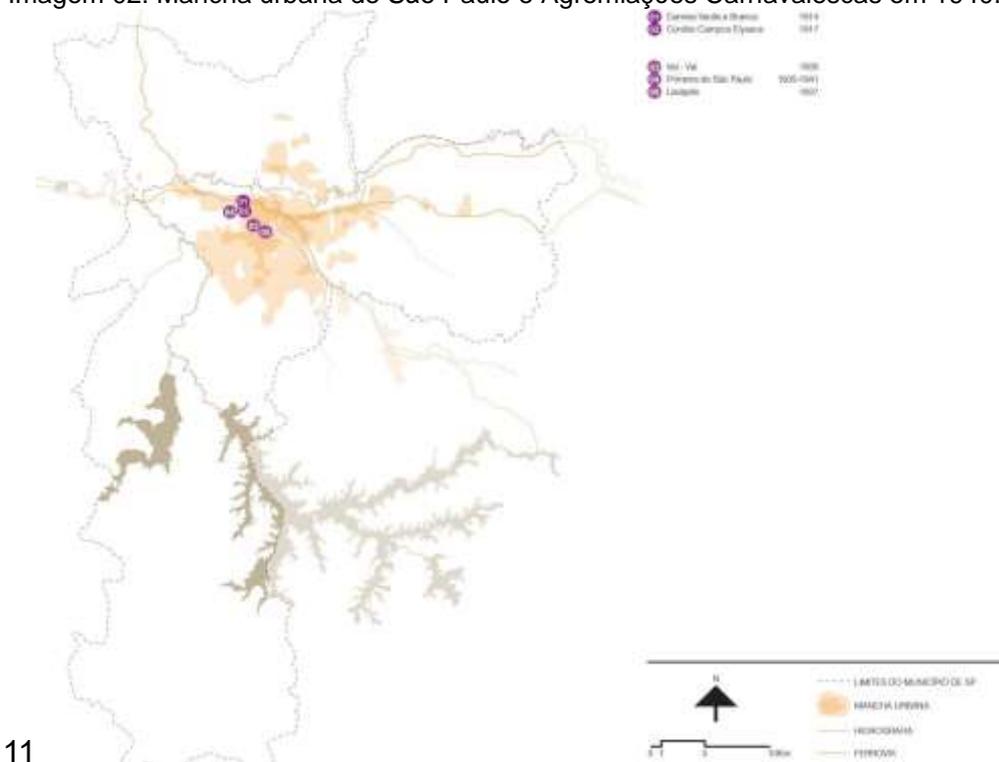
---

<sup>6</sup> No final da década de 1930 a Companhia Antarctica passou a promover concursos e celebrações carnavalescas na denominada Cidade da Folia, instalada dentro do parque de sua propriedade inaugurado em 1902, o Parque Antarctica, no bairro da Água Branca. Já o Parque Shanghai era um parque de diversões instalado no Parque D. Pedro II em 1945 e que sediava diversos eventos culturais e de entretenimento. (GESSI, 2016, p.8)



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

Imagem 02: Mancha urbana de São Paulo e Agremiações Carnavalescas em 1940.



11

Fonte: Elaboração do autor.

**Expulsão, periferização e dissidências: 1940 – 1968.**

O período de 1940 a 1968, corresponde à fundação de agremiações relacionadas a consolidação dos novos núcleos decorrentes do deslocamento da população negra para bairros mais afastados do centro, tais como Casa Verde ao norte. Esses deslocamentos, inclusive, contribuíram para que houvessem dissidências das agremiações pioneiras – especialmente Camisa Verde e Branco, Vai-Vai e Lavapés. O negro na cidade de São Paulo via desaparecer as alternativas de moradia junto as áreas centrais em meio ao progressivo aumento dos aluguéis, da especulação imobiliária, bem como as obras de “melhoramentos” e a legislação que combatia a subdivisão de imóveis (cortiços). Além disso, com a ida das elites para os novos bairros mais afastados, exclusivamente residenciais, o centro se tornava o “lugar exclusivo de comércio e serviços, caro e excludente símbolo da modernidade” (ROLNIK, 1997, p.106).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A esses contingentes expulsos da área central, juntavam-se os recém-chegados migrantes, principalmente proveniente do Nordeste, fugidos da seca e da estagnação econômica da região Nordeste, e atraídos para as áreas de crescente industrialização da qual São Paulo apresentava-se como principal polo (FERRARI, 2005, p.11-2), num contesto de acirramento das desigualdades regionais e construção da imagem de São Paulo como principal centro pujante e condutor da economia nacional (WEINSTEIN, 2015, p.32) .

Discorrendo sobre os territórios negros da cidade – provavelmente a partir do final da década de 1940, período de juventude de Geraldo Filme<sup>7</sup> – o sambista relata:

Zona de negro aqui em São Paulo era Liberdade, Bixiga e Barra Funda e um pedaço muito antigo, que pouca gente lembra, aqui onde está hoje situada a Vila Madalena, Vila Ida e Vila Ipojuca. Ali já era bem distante. Mas essa região toda da Liberdade, Barra Funda e Bixiga era o centro mesmo. E Zona Leste que, por ser distante, tem uma história negra muito interessante. Lá onde tem aquela igreja, uma das primeiras igrejas do Brasil, a Nossa Senhora do Rosário, fundada pelos negros no Largo da Penha, fundada pelos negros em 1600 e poucos. Os negros então lá na Zona Leste também têm sua tradição, mas, hoje para chegar lá na Zona Leste não é fácil, imagina no passado? Demorava uma semana.

No mapa abaixo, percebe-se que, além das agremiações fundadas entre 1930 e 1950 ainda ligadas aos núcleos negros mais centrais, nas décadas subsequentes de 1950 e 1960, aparecerão agremiações ligadas aos novos núcleos negros decorrentes do deslocamento desses contingentes populacionais para esses novos territórios. Assim, essas agremiações representam alternativas de constituição de uma identidade afro-brasileira e de sociabilidade na periferia, bem como a consolidação de novas centralidades, posto que, entre 1940 e 1967, a área urbanizada praticamente dobra, estabelecendo-se, uma vasta área recém loteada e desprovida de infraestrutura, muito distante do centro e que, portanto, irá se reportar a essas referidas novas centralidades.

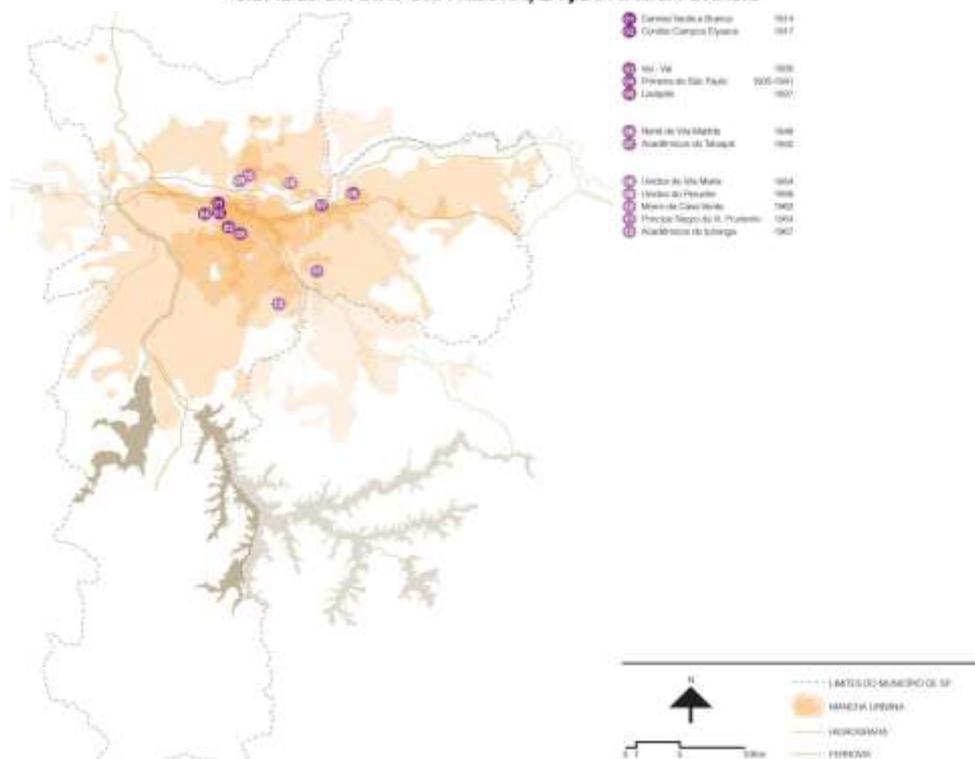
Imagem 03: Mancha urbana de São Paulo e Agremiações Carnavalescas em 1967.

---

<sup>7</sup> Relato extraído do Programa Ensaio [Geraldo Filme]1992. 53:34min., Direção: Fernando Faro, TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 1992.



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**



Fonte: Elaboração do autor.

**Novos parâmetros para a territorialização do samba: 1968 – 1984.**

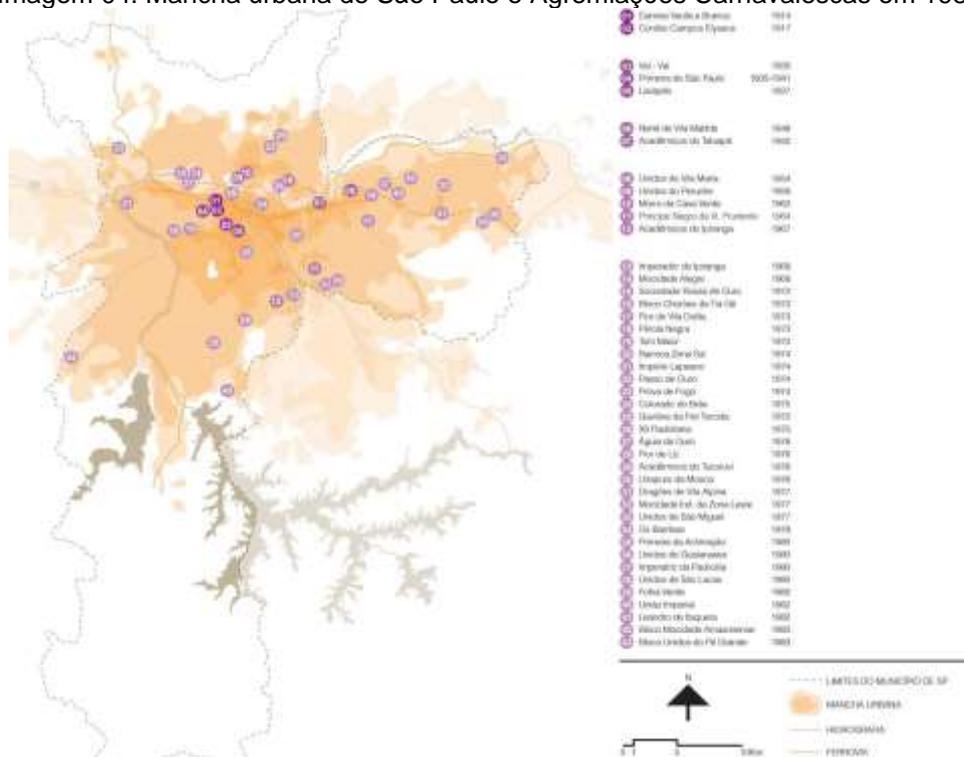
Em 1968 o prefeito José Vicente de Faria Lima, atendendo à solicitação dos diversos dirigentes de agremiações, radialistas simpáticos e militantes das Escolas de Samba aprovou a oficialização dos desfiles carnavalescos, os quais passaram a ser subvencionados pela prefeitura (BARONETTI, 2015, p.43).

A oficialização dos desfiles com garantia de recursos públicos configurou-se num incentivo, para que diversos grupos carnavalescos intermitentes se organizassem e procurassem se inserir nesse nascente novo modelo de carnaval oficial da cidade, o que poderão ser observados no mapa a seguir, o qual apresenta um grande número de agremiações fundadas após a oficialização e que permanecem em atividade até os dias atuais.



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

Imagem 04: Mancha urbana de São Paulo e Agremiações Carnavalescas em 1983.



Fonte: Elaboração do autor.

Além disso, a proliferação de agremiações carnavalescas nos novos territórios periféricos também acompanha a intensificação do ritmo de expansão da mancha urbana durante as décadas de 1960 e 1970, denotando, inclusive a consolidação de parte dessa extensa área periférica.

Considerando a distância proveniente desse espraiamento urbano e as dificuldades de transporte, característicos desse padrão de crescimento da cidade, essas novas agremiações, proporcionais a explosão demográfica da cidade no período, passaram a cumprir o papel de alternativas de lazer e sociabilidade para esses contingentes populacionais nessas periferias.

Entretanto, além dessas agremiações periféricas, a partir da oficialização, surgem agremiações em bairros que, no contexto da expansão e configuração da metrópole de São Paulo, já eram considerados bairros mais centrais e sem relação com os contingentes negros ou com o processo de deslocamento destes para a periferia da



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

cidade. São representativas desse processo as agremiações Mocidade Alegre, no bairro do Limão e da Rosas de Ouro na Freguesia do Ó.

Esses territórios periféricos em expansão foram ocupados por diferentes populações negras, o primeiro proveniente dos recorrentes processos de expulsão das áreas centrais da cidade, conforme comenta Fernando Penteados<sup>8</sup>, em depoimento a Dozena (2009)<sup>9</sup>:

Conforme foi chegando o progresso, a cidade foi “embranquecendo” (...) Ali onde hoje está a Câmara Municipal era tudo sobrado de cortiços onde moravam os negros (...) Então a cidade foi crescendo e “embranquecendo” (...) Este é o termo certo, pois os negros foram jogados para a Bela Vista e a Barra Funda, em um segundo momento para a Casa Verde, Limão e Freguesia do Ó e em um terceiro momento para o Grajaú, Cidade Tiradentes e Tatuapé (...) Estou te explicando isto porque o samba foi junto, entendeu? (...). Aqueles sambistas que moravam por aqui foram para outras áreas da cidade e levaram o samba junto com eles (...). Quando a Bela Vista começou a se desenvolver, os negros foram primeiramente para a Casa Verde, que era um bairro distante (risos), havendo um embranquecimento, falando de uma forma bem popular né, ou no linguajar da época, começou a se limpar o centro (...). Disseram que tinham que tirar a negrada dali (...). E assim quando fizeram a COHAB José Bonifácio lá no Grajaú, umas das primeiras (...) muita gente nossa foi para lá, ou para a Cidade Tiradentes, assim como também muita gente saiu da Barra Funda e do Bom Retiro (...). No bairro da Casa Verde, muitos negros trabalhavam na extração de areia dos rios lá existentes (SILVA, 2011, p.85).

O segundo contingente eram os migrantes provenientes de diversos estados, sendo mais numerosos os oriundos do Nordeste, num processo que se iniciou ainda na década de 1930, mas que nas décadas de 1950, 1960 e 1970 ganhou proporções vertiginosas (FERRARI, 2005 e FONTES, 2008). Instalando-se nessas periferias da cidade, esses migrantes irão compor as fileiras dos movimentos de base nas lutas por moradia e melhores condições de infraestrutura (MOISÉS, 1982 apud TANAKA, 2006, p.96). Nesse contexto, as novas agremiações que surgiam, além de cumprirem o papel de alternativa de sociabilidade, provavelmente passarão também a fazer parte da rede de organizações políticas populares haja vista o poder de aglutinação popular de suas lideranças.

---

<sup>8</sup> Fernando Penteados, diretor de harmonia do Vai Vai e neto de Frederico Penteados (Fredericão), baluarte do samba de São Paulo e um dos fundadores do Cordão.

<sup>9</sup> DOZENA (2009) apud M.V.SILVA (2011).





SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

eixos ferroviários a Leste e a Sudeste (Tamanduateí), porém, são significativas as agremiações nos núcleos negros da Zona Norte<sup>10</sup>.

Essas novas agremiações, como já dito, também estavam inseridas numa complexa rede de organizações populares periféricas, provenientes das conquistas dos Movimentos de Base, bem como as respostas do Estado aos questionamentos acerca do padrão de expansão periférico (BARONE, 2013). Era um momento em que se identificava também a acentuação das desigualdades dentro da própria periferia – até então, vista como desigual da cidade servida por infraestrutura, de maneira mais ou menos hegemônica. Essa desigualdade periférica caracteriza o que Torres e Marques (2001) denominaram *Hiperperiferia*.

Desse modo, essas instituições fundadas nesse período, mesmo quando muito distantes das áreas centrais, como no caso da Unidos de Santa Bárbara, ainda assim, localizam-se nas áreas mais consolidadas<sup>11</sup> ou nas novas centralidades. Porém, ainda assim, Escolas de Samba constituíam-se em instituições características de bairros periféricos de classes médias e baixas, o que fica evidente pela quase ausência de agremiações no quadrante sudoeste da cidade e nos bairros nobres da Zona Sul.

### **Surge o palco definitivo: 1992.**

A inauguração do sambódromo do Anhembi marca o apartamento do grupo especial de escola de samba em relação ao espaço da rua e da cidade.

---

<sup>10</sup> Rolnik (2013) se refere a periferização da população preta e parda nas últimas décadas do século XX, sendo mais acentuada as seguintes localizações, conforme o Censo de 2000: Leste (Lajeado, Cidade Tiradentes 49,8%; Itaim Paulista 48,5%; Jardim Helena 48,1%; Guaianazes 47,3%), Sul (Jardim Ângela, Grajaú 48,7%; Parelheiros 48,4%, Capão Redondo-45,5%), ou Norte (Brasilândia; Perus e Anhanguera – em torno de 39,5%).

<sup>11</sup> A Unidos de Santa Barbara (fundada como bloco e que, em 2009, passou a categoria de Escola de Samba) tem sua sede localizada no centro do bairro do Itaim Paulista, no extremo leste da cidade de São Paulo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O sambódromo foi inaugurado em 1991, com o desfile do Grupo Especial, numa passarela ainda inacabada e que sofreu com as chuvas nos dias de desfile. Nas palavras de Maria Aparecida Urbano, em entrevista a Belo (2008):

“(...) o samba foi jogado lá no Anhembi. Porque ali era uma várzea. Era um terreno vazio que não tinha valor nenhum. Era um terreno excluído. Marginal. E nessa Marginal foi feito aquele prédio enorme para fazer exposições, só, para a frente ali não tinha nada. Então, vamos jogar toda negrada lá. Aí o que fizeram? Fizeram uma passarela. Isso foi no governo da Erundina. Ainda bem! Porque a gente pleiteava tanta coisa. Quando foi renovado o Anhangabaú a gente pretendia que fosse ali, que tivesse um espaço grande para que as escolas no carnaval desfilassem e depois ficasse livre esse vão todo. Não, mas no centro da cidade vai atrapalhar, vamos jogar lá. Ninguém pensou que lá não tem ônibus, não tem transporte mesmo, de jeito nenhum, é difícil mesmo o acesso. Não tem um bar, não tem lanchonete, não tem nada ali. Mas ainda bem que conseguimos esse espaço”.

No caso de São Paulo, ainda, esse confinamento dos desfiles no Sambódromo concorreu para que as demais manifestações carnavalescas, ou o “clima de carnaval” desaparecessem das áreas centrais da cidade, tornando-se ou manifestações exclusivamente periféricas, ou então espetáculos constituintes da indústria de entretenimento do município. A esse respeito, comenta Evaristo de Carvalho (TV CULTURA, 2007):

O povo vai na quadra, apanha as alas nos ônibus, levam as alas para o sambódromo. Descarrega na contração. Vai para dispersão, depois que desfila, sobe no ônibus, vai para quadra, tira a fantasia, põe a roupa e vai embora. Não tem carnaval.

Prossegue Seu Carlão (TV CULTURA, 2007):

Carnaval não existe mais. Se você falar para mim que tem desfile de Escola de Samba, eu aceito. Carnaval, não. Pegam-nos aqui na quadra da Escola, leva você para a concentração do Anhembi. Acabou o desfile lá, 65 minutos, voltamos para quadra...

Olha, nós que estamos no sambódromo, estamos confinados, para não falar preso, aí. Dá um pulo na Ipiranga com Avenida São João, hoje é sábado de carnaval, vai lá: não tem nada!

Das falas acima podemos depreender que além do já referido apartamento dos desfiles das Escolas de Samba em relação a cidade, o confinamento no Sambódromo denota um caráter de festa controlada em oposição ao conceito de festa popular, constantemente atribuído aos desfiles carnavalescos. Assim, um folguedo



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

originalmente de comunidades negras e de caráter popular, submete-se a reiteração da determinação dos lugares e condições sob as quais a cidade é acessível ao negro. Sobre esse lugar delegado ao negro no carnaval, a música *Voz Ativa* (1992) do grupo de RAP Racionais MCs, cuja letra trata do racismo estrutural, aponta:

(...)  
Nossos irmãos estão desnorteados  
Entre o prazer e o dinheiro desorientados  
Mulheres assumem a sua exploração  
Usando o termo mulata como profissão  
É mal...  
Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?  
Desfilam no chão em segundo plano  
Pouco original, mais comercial a cada ano  
O Carnaval era a festa do povo  
Era, mas alguns negros se venderam de novo  
Branco em cima, negro em baixo  
Ainda é normal, natural  
400 anos depois, 1992, tudo igual  
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal  
Precisamos de nós mesmos essa é a questão  
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição, então  
Gostamos de nós, brigamos por nós  
Acreditamos mais em nós  
Independente do que os outros façam  
Tenho orgulho de mim, um rapper em ação  
Nós somos negros sim, de sangue e coração  
Mano Ice Blue, me diz:  
Justiça é o que nos motiva  
A minha, a sua, a nossa voz ativa

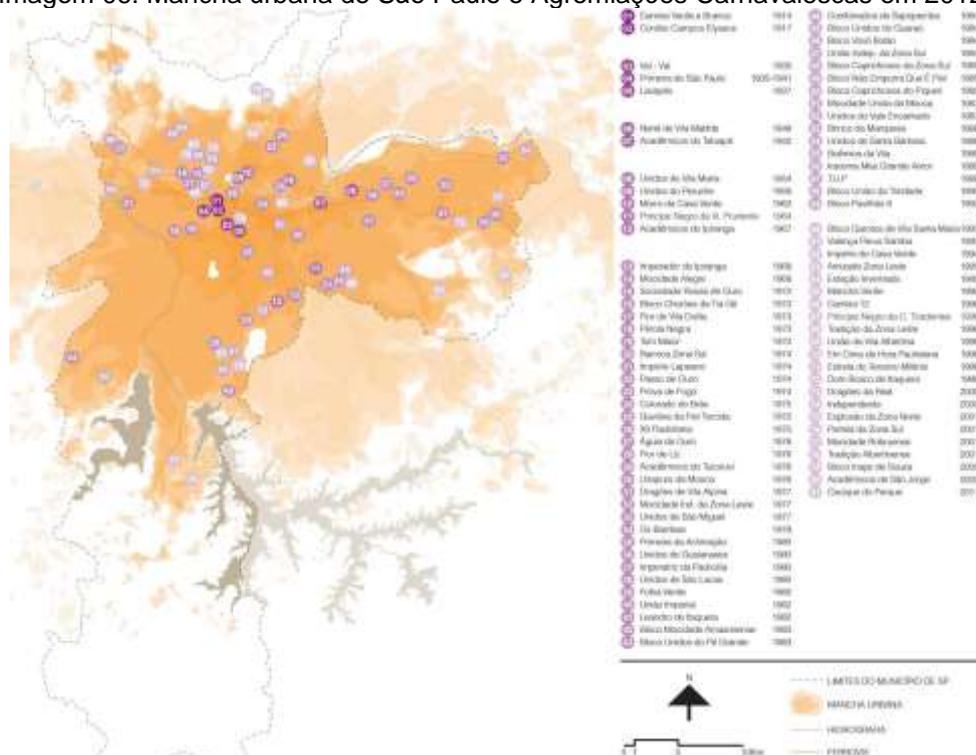
Voz ativa. LP: Escolha o seu caminho. Racionais MCs, 1992

Sobre as novas agremiações fundadas, a partir da década de 1990, elas surgiram principalmente nos bairros periféricos mais afastados, como é possível observar no mapa a seguir.



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

Imagem 06: Mancha urbana de São Paulo e Agremiações Carnavalescas em 2012.



Fonte: Elaboração do autor.

Além do já referido papel de alternativa de lazer e sociabilidade, nas extensas periferias, as agremiações carnavalescas progressivamente passam a constituir-se em espaço das políticas sociais.

Nesses bairros longínquos, o papel das agremiações é diferente do que se observa nos bairros mais consolidados e melhor servidos de infraestrutura e investimentos. Frangiotti (2007), ao estudar a Escola de Samba Valença Perus, da periferia Norte da cidade, aponta que as atividades da Escola não se limitam as ações relacionadas ao carnaval, mas também, se insere em programas assistenciais: na ocasião da pesquisa, a Valença estava cadastrada como ponto de distribuição do programa estadual de fornecimento de leite:

O presidente do Valença solicitou a participação no programa, cedendo espaço da quadra, pois no bairro existem muitas famílias carentes e a Escola, estando num local central, facilita o acesso das pessoas. O leite é recebido por ela e armazenado no freezer do botequim (FRANGIOTTI, 2007, p.50).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Vale comentar que a agremiação se apropriou de uma área pública sob viadutos no centro de Perus (FRANGIOTTI, 2007, p.40-1) e, apesar da situação fundiária irregular, cobria uma deficiência ou ausência de estrutura física do Governo do Estado na localidade.

Esse exemplo da Valença ilustra a recorrência da situação fundiária ilegal por parte das Escolas de Samba, apesar da conquista da subvenção estatal regular:

No grupo especial, por exemplo, das 14 escolas, 9 ocupam áreas públicas com suas quadras; no caso dos barracões, apenas uma está instalada em área privada. O acesso [grupo de acesso] não é muito diferente, mas já começa a revelar uma dura realidade que fica ainda mais grave quando se analisam os grupos 1, 2, 3 e 4: das oito escolas, seis estão com as quadras em áreas públicas, uma paga aluguel e uma não tem quadra, o que é um complicador da disputa. Nas categorias inferiores, são poucos os casos de escolas que podem contar com quadra e barracão.<sup>12</sup>

### **Considerações.**

Neste trabalho há a intensão de verificar se a localização das agremiações no espaço urbano, ao longo do tempo, nos ajudaria a revelar um caráter racial da expansão da cidade, que se refletiria no fato das instituições negras – no caso, as agremiações carnavalescas – instalarem-se progressivamente nesses territórios periféricos.

Partiu-se de uma hipótese de que a progressiva periferação das agremiações que teriam, em sua origem, contingentes predominantemente negros, se refletiria também no posicionamento dessas agremiações na hierarquia das divisões do carnaval paulistano de Escolas de Samba, ou seja, quanto mais periférica fosse uma agremiação, mais distante estaria também do primeiro grupo do carnaval. Quando olhamos para a composição dos grupos e os bairros das agremiações percebemos que quanto mais baixa a divisão, maior o número de agremiações mais distantes das áreas centrais.

---

<sup>12</sup> Censo do Samba Paulistano 3ª edição. São Paulo, São Paulo Turismo, 2014, p.27.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Além disso, a expulsão das manifestações carnavalescas originariamente negras dos espaços públicos centrais da cidade parece mudar de métodos conforme as agremiações conquistam visibilidade e segurança institucional. Se no início do século XX, tantos os ensaios quanto os desfiles dos cordões carnavalescos pelas ruas do centro precisavam construir estratégias de enfrentamento da repressão policial, no fim do século, apesar das conquistas institucionais, os desfiles das Escolas de Samba se veem banidos das ruas das respectivas áreas centrais, confinado no sambódromo ou ainda resistindo em ruas de bairros periféricos, como os desfiles do grupos inferiores que atualmente acontecem na Vila Esperança (Zona Leste) e Butantã (Zona Oeste).

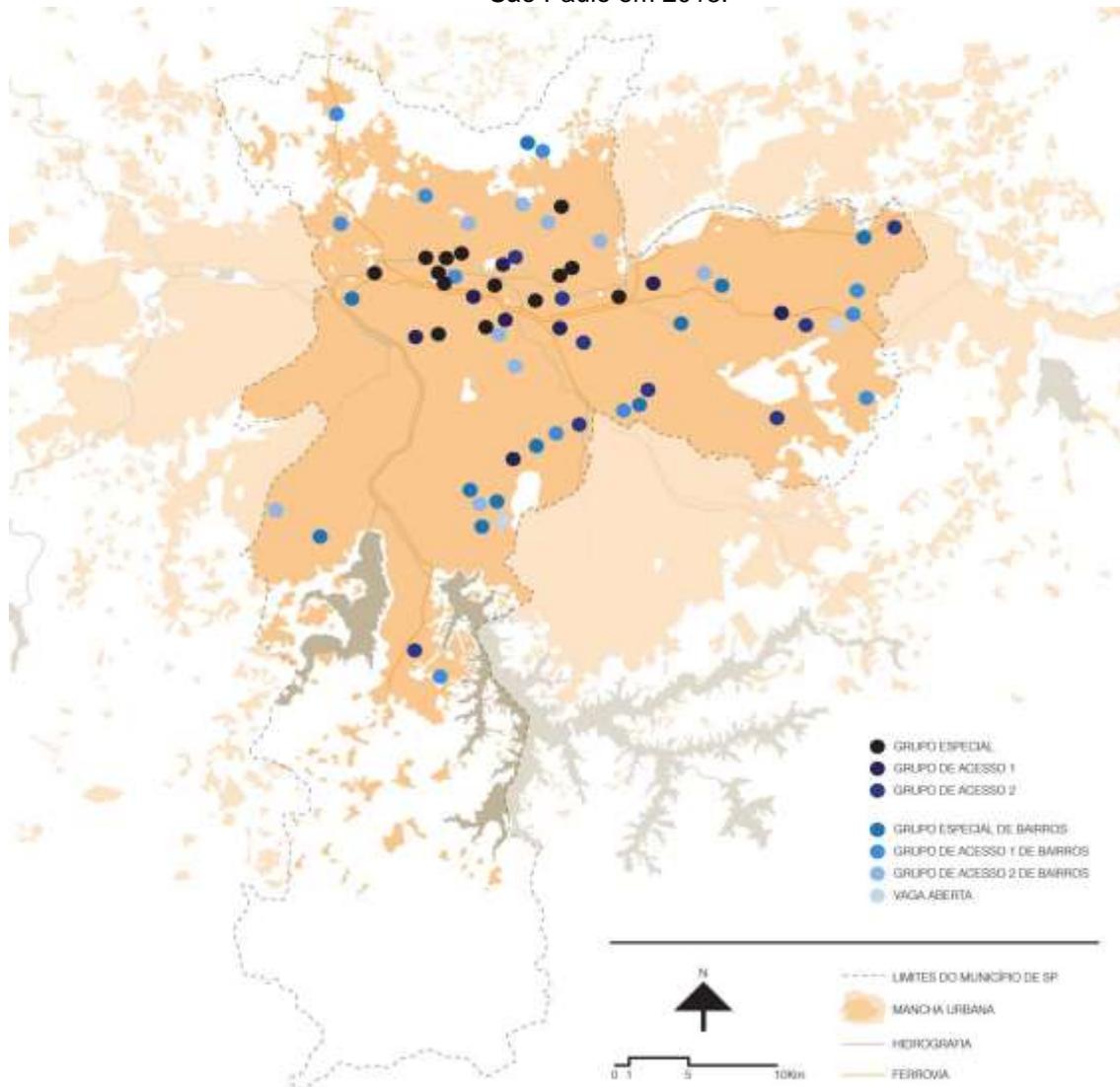
Assim, os lugares destinados aos folguedos que ainda preservam uma identidade relacionada ao negro refletem a segregação racial existente na cidade de São Paulo, apontada nos trabalhos de Telles (2003) e França (2010). Ao negro, considerando sua moradia e suas instituições, nas disputas pelas localizações no espaço urbano, têm sobrado os espaços menos valorizados, tanto que, como podemos observar nos mapas, apenas parte das agremiações da Zonal Leste se concentram ao longo do eixo ferroviário, que é o melhor servido de infraestrutura dessa região da cidade. Nas demais áreas, as agremiações se concentram nos bairros onde há predomínio das classes sociais mais baixas e maiores carências de infraestrutura. Isso fica mais evidente também quando se observa a ausência de agremiações no quadrante sudoeste, que é o ocupado predominantemente pelas classes altas e médias.

Desse modo, a localização das agremiações carnavalescas, bem como, dos lugares das manifestações do carnaval na cidade de São Paulo, reforça a ideia do lugar de negro que não está entre os lugares mais valorizados nas representações realizadas sobre a cidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 07: Mancha urbana de São Paulo e Agremiações Carnavalescas por Divisão do Carnaval de São Paulo em 2018.



## REFERÊNCIAS

Bibliografia citada / consultada

ALBERTO, Paulina L. *Termos de Inclusão: Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução Elisabeth de A. S. Martins. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2017.

BARONE, Ana Claudia Castilho. *Periferia como questão: São Paulo na década de 1970*. Revista da Pós, v.33. São Paulo, jun. 2013



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

BARONETTI, Bruno Sanches. *Da oficialização ao sambódromo: Um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968-1996)*. Dissertação (Mestrado) - FFLCH USP, 2013.

\_\_\_\_\_. *Transformações da Avenida: História das Escolas de Samba de São Paulo (1968-1996)*. São Paulo: LiberArs, 2015.

BRITTO, Ieda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.

*Censo do Samba Paulistano 3 ed.* São Paulo, São Paulo Turismo, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. *A Nova Abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERRARI, Monia de Melo. *A imigração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) – seca e desigualdades regionais*. São Carlos: UFSCar, 2005.

FRANÇA, Danilo. *Segregação racial por raça e classe social na região metropolitana de São Paulo (2000-2010)*. ST07: 37º Encontro anual da ANAPOCS, Aguas de Lindóia, 2013.

FRANGIOTTI, Nanci. *O espaço do carnaval na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – FFLCH USP, 2007.

GESSI, Hennan. *O lazer na cidade de São Paulo: a experiência do Parque Shangai (1937-1968)*. In: VIII Seminário Nacional do Centro de Memória. Unicamp, 2016.

MARQUES, Eduardo C.; TORRES, Haroldo da G. *Reflexões sobre a Hiperperiferia: Novas e velhas faces da pobreza no entorno municipal*. In: Revista Brasileira de Estudos Urbanos, nº 4, p 49-70, mai. 2001.

ROLNIK, Raquel. *Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)*. In: Revista de Estudos Afro-Asiáticos, 17 – CEEA, Universidade Cândido Mendes, 1989. (Versão revisada disponível em <https://raquelrolnik.wordpress.com>, 2013).

\_\_\_\_\_. *A cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP: Studio Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_. *São Paulo leste/sudeste – reestruturação urbana da metrópole paulistana*. Análise de territórios em transição. São Paulo: PUC-Campinas/Fapesp/Pólis, 2000.

SILVA, Marcos Virgílio da. *Debaixo do 'progrêssio': Urbanização, Cultura e Experiência Popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969)*. Tese (Doutorado). São Paulo, FAU USP, 2011.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Carnaval em branco e negro: Carnaval popular paulistano, 1914-1988*. São Paulo: UNICAMP, 2007.

TANAKA, Giselle M. M. *Periferia: Conceitos, práticas e discursos. Práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) FAU USP, 2006.

TELLES, Edward. *Racismo à Brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

WEINSTEIN, Barbara. *The color of modernity: São Paulo and the making of Race and Nation in Brazil (radical perspectives)*. Durham: Duke University Press, 2015.

WISSENBACH, Maria Cristina. *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos forros em São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

#### Entrevistas e depoimentos

Memória do carnaval paulista: Entrevista de Geraldo Filme de Souza. SIMSON, O. V.; FARO, C. F.; PUTTEMAN, P. M. Áudio acervo MIS. São Paulo, 1981.

#### Vídeos / documentários

*Ensaio |Geraldo Filme|1992*. 53:34min., Direção: Fernando Faro, TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 1992.

*Lavapés, a resistência do samba*. 29:03min. POLTRONIERI, C.R.; RAVAGNANI, B.; SCAQUETTI, G.C. Trabalho de conclusão de curso – 4RTVC, Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2012.

*Lavapés: ancestralidade e permanência*, 59:32min., ANDRÉ, C. M.; FRANZOLIN, C.; REICHERT, C.; RIOS, D.; VALENTIN, M. Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias - IA Unesp e Coletivo Mapa Xilográfico. São Paulo, 2017.

*Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida*. Parte 1, 48:12min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Parte 2, 48:35min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Parte 3, 48:43min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.